

# XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT: Religião e Sociedade  
Sessão: Oriente e Ocidente: trocas e referências

Orientalização e novas gestões do corpo

Leila Marrach Basto de Albuquerque

UNESP - Rio Claro

Caxambu - MG

1999

## ORIENTALIZAÇÃO E NOVAS GESTÕES DO CORPO

Leila Marrach Basto de Albuquerque  
UNESP - Rio Claro

*Acredito que, precisamente, há, mesmo no fundo de todos nossos estados místicos, técnicas corporais que não estudamos e que foram perfeitamente estudadas pela China e pela Índia desde épocas muito antigas. Este estudo sócio-psicobiológico da mística deve ser feito. Penso que há necessariamente meios biológicos de "entrar em contato com Deus".*

(MAUSS, 1974, p. 233)

### Introdução

O objetivo deste "paper" é apresentar um conjunto de práticas, técnicas e terapias corporais, emergentes desde os anos 60 no ocidente, que denomino aqui de cultura corporal alternativa. Este conjunto está associado, tanto no imaginário social como em trabalhos acadêmicos, à chamada orientalização do universo religioso ocidental. Paralelamente, quanto à questão da orientalização, quero também chamar a atenção para o seu caráter metafórico, mais histórico que geográfico, como modo de identificar povos e culturas distantes da modernidade.

Este trabalho tem como fonte de dados o livro *Guia de abordagens corporais*, organizado por Ana Rita Ribeiro e Romero Magalhães (Summus, 1997), que apresenta 67 modalidades de práticas e terapias voltadas para o bem estar físico e mental, originárias do universo alternativo. Esta obra apresenta cada modalidade através de um breve histórico de sua criação, as práticas propriamente ditas e seus benefícios, a preparação dos seus profissionais, a

biografia dos seus criadores e, finalmente, os endereços dos locais dos cursos e de prática da modalidade.

De início, porém, quero destacar duas dificuldades e um paradoxo ligados à emergência e aos estudos desse fenômeno no seio da modernidade.

A primeira dificuldade se refere à ausência das questões ligadas à corporeidade na tradição das Ciências Sociais. A não ser raras exceções, a sua produção teórica ou empírica está voltada para os fenômenos supra-orgânicos, relegando o corpo para o espaço da Biologia e das Ciências Naturais.

A segunda dificuldade diz respeito especificamente à cultura corporal alternativa. Abordar esse universo nos obriga a nos defrontarmos com a religião como uma variável importante na construção da sua racionalidade. Ora, a relação entre o corpo e as dimensões sagradas sempre foram mais do âmbito da Teologia que das ciências, sejam naturais, sejam sociais.

Já o paradoxo se refere à emergência, na segunda metade deste século, de práticas e saberes inspirados mais no universo sagrado que na racionalidade instrumental. O interessante é que esse fenômeno se deu contra as expectativas de cientistas e planejadores que esperavam, do processo de modernização, o desenvolvimento irreversível de mentalidade racional no enfrentamento dos problemas do corpo e da mente.

Isto posto, retomo o meu objetivo inicial e pergunto: quais são os contornos da cultura alternativa? O que há de comum entre a preocupação ambiental, a vida em comunidades, a prática da ioga, o vegetarianismo, a acupuntura, a procura de estados não intelectivos através do LSD, a parapsicologia, a bioenergética, a Nova Era, os florais (de Bach ou de Minas), a gemoterapia, o Zen budismo, os holismos, etc., que são identificados como saberes, práticas, movimentos e estilos de vida alternativos?

Chama a atenção, de início, a heterogeneidade e a dispersão dessas manifestações culturais bem como a multiplicidade de termos com que são designadas: são chamadas de contracultura, cultura ou complexo alternativo, para-ciências, pseudo-ciências, orientalização, reencantamento ... Além disso, são também definidas como irracionais pela ciência moderna (1).

As raízes históricas da cultura alternativa, todavia, apontam para algumas regularidades: sua origem no movimento da contracultura dos anos 60 e sua inspiração no oriente. Geralmente associada ao fenômeno "hippie", a contracultura foi um movimento composto de manifestações heterogêneas que se expressaram no plano social, filosófico e religioso, respectivamente, como uma reação "contra a padronização e materialismo competitivo da cultura convencional (...) (como) uma crítica radical ao racionalismo científico (...) e (como) uma procura de novos caminhos através do uso de técnicas de expansão da mente e das drogas" (Clarke, 1997, p. 104). Data também desta época, uma reavaliação da ciência: as alianças entre cientistas, de um lado, e políticos e militares, de outro, durante a Segunda Guerra Mundial, demonstrou que a prática científica perdera a sua inocência. Denúncias sobre os horrores da Guerra do Vietnã, o envenenamento da biosfera pela tecnologia, os riscos da destruição da humanidade pelo uso militar e industrial da ciência enfraqueceram a esperança salvacionista nos poderes da ciência (Ravetz, 1979, p.27).

A esses aspectos soma-se a expansão da exigência do conhecimento especializado para a solução dos problemas públicos e privados. Fundado na objetividade científica, o conhecimento especializado destituiu o ser humano de competências e de um conhecimento abrangente da realidade, já que a solução dos seus problemas está nas mãos de especialistas e de técnicos. A ausência de qualquer consideração pessoal -- particular --, na tecnocracia, transforma o homem e a natureza em meros objetos de manipulação e leva ao empobrecimento da experiência individual (Roszak, 1972).

Este contexto motivou e inspirou o florescimento, no ocidente moderno, de filosofias, práticas e religiões orientais como um caminho de liberação política e via alternativa para os valores e estilo de vida ocidentais. Esta demanda se manifesta, empiricamente, para citar apenas o caso do Brasil, pela adesão a religiões como o Budismo japonês, coreano e tibetano, às novas seitas japonesas, como a Seicho-no-ie, a Igreja Messiânica e a Perfect Liberty, o sufismo iraniano, o Hare Krishna e a prática da ioga indianos, a alimentação macrobiótica japonesa, o Tai-chi-chuan e a acupuntura chineses, as medicinas chinesa, japonesa e indiana

além das várias formas de meditação advindas da Índia, China e Japão. Incluem-se, neste inventário, também, a crença nos poderes energéticos de réplicas das pirâmides do Egito e a ampla difusão do oráculo chinês I-Ching.

Embora a expansão dessas filosofias, religiões e práticas orientais seja a face mais evidente da contracultura, ocorre, nesta mesma época, uma revitalização de religiões e práticas nativas, como as indígenas e as da cultura popular. Além disso, observa-se o crescimento da consulta a horóscopos, aos mapas astrológicos, às cartas do Tarô e o ressurgimento da crença em anjos e bruxas. Estas últimas são, porém, como se sabe, provenientes da Europa pré-cristã ou medieval.

Esta pluralidade de fontes de conhecimento foi agenciada, nos anos 60-70, para expressar valores como a defesa da espontaneidade, a nostalgia da comunidade e o contato direto com o sagrado, entendidos como um escudo contra o imperativo da tecnologia do pós-guerra enraizada na cosmovisão científica.

A dinâmica desse movimento, nas décadas seguintes, apresentou transformações importantes: a utopia revolucionária deu lugar a uma expectativa no advento de uma Nova Era, que aposta mais nos astros que nos homens. Paralelamente, as exigências políticas foram substituídas pelas questões ligadas ao auto-conhecimento, saúde, psicoterapia e ecologia. As fontes de conhecimento se entrecruzaram sincreticamente e são utilizadas para construir uma cultura alternativa às maneiras de agir, sentir, pensar e curar da modernidade ocidental.

Um traço fundamental que acompanha este movimento, desde os anos 60, é a eleição de saberes e práticas oriundos de concepções religiosas ou que só fazem sentido no âmbito do universo sagrado. Conseqüentemente, sua expansão no ocidente moderno tem favorecido a emergência de visões encantadas da realidade. Isto é, em oposição ao secularismo crescente da modernidade, ressurgem os meios mágicos e incalculáveis que se esperavam expulsos pelo cálculo racional da civilização científica. Enfim, Clarke (1997, p. 105) assim resume os últimos 40 anos de "iluminismo oriental": "Como os "beats" e os "hippies", os pensadores da Nova Era estavam convencidos da falência espiritual do ocidente e tinham sido preparados para extrair, sincreticamente, tanto dos

símbolos e conceitos orientais, como dos cristãos, uma nova estrutura filosófica abrangente (...)."

### **As novas gestões do corpo**

A partir do amplo cardápio de práticas, técnicas e saberes que fazem parte da cultura alternativa, quero destacar aqueles voltados para os cuidados do corpo. É necessário, porém, tratá-los na sua relação com as representações do corpo gestadas na modernidade.

A nossa herança cultural -- platônica, judaico-cristã e, posteriormente, cartesiana -- relegou ao corpo uma posição inferior em relação à mente. Expressando uma visão dualista do homem, essa tradição privilegiou os aspectos mentais e espirituais em detrimento das questões materiais e corporais, o que tornou o corpo e suas representações invisíveis como objeto da cultura. (Porter, 1992, p. 308). Elias (1990 e 1993) identifica nos controles do corpo o processo civilizador que acompanha a modernidade e que promoveu o domínio da razão sobre a emoção e o inconsciente, estimulou o auto-controle e a repressão aos impulsos espontâneos. Neste processo, desenvolvem-se a racionalização e a consciência objetiva visando a moldar os corpos, entendidos como fontes de inclinações primárias e irrefletidas. Enfim, o auto-controle íntimo, naturalizado, leva a uma cisão na personalidade moderna que põe de um lado, o corpo - objeto de controle - e, de outro, setores controladores como o superego.

É frente ao "corpo civilizado" que a cultura corporal alternativa ganha o seu sentido. Como mostra Porter (1992, p. 293) "(...) atualmente há tentativas em movimento para demolir as velhas hierarquias culturais que privilegiam a mente sobre o corpo e, por força de analogia, sancionaram sistemas inteiros de relações de poder regulador-regulado. Esse processo desmistificador certamente está ocorrendo, sendo fácil apontar as profundas mudanças culturais na última geração que subverteram a puritana e platônica suspeição do corpo: a revolução sexual e a "permissividade" em geral, o capitalismo consumista, as críticas acumuladas

tanto pela "contracultura" dos anos 60 quanto pelo feminismo dos anos 70, e assim por diante".

As tentativas aludidas por Porter se expressam , no âmbito da cultura corporal alternativa, através do encontro de saberes e práticas distantes da cultura ocidental moderna, com conhecimentos científicos das áreas da saúde física e mental, oferecendo novas gestões sociais do corpo.

Nos anos 70, os temas da contracultura tinham como veículo privilegiado de divulgação a Revista Planeta. Em trabalho anterior (Albuquerque, 1998) pude constatar que nela compareciam artigos sobre religiões orientais, astrologia, horóscopo, parapsicologia, experiências com alucinógenos, terapias não convencionais, vida extra-terrestre, ciência, etc. As questões ligadas ao corpo vão aparecendo gradualmente, até se tornarem tema obrigatório com o decorrer do tempo. Retrata, portanto, esta revista, a dinâmica das terapias alternativas como fruto de um movimento mais amplo no ocidente moderno. No campo especificamente psicanalítico, Russo (1993, p. 10-1) observou que "os nos 80 assistiram à proliferação do que Robert Castel chama as "terapias pós-psicanalíticas", também conhecidas como terapias alternativas, dentre as quais se incluem as terapias corporais derivadas em maior ou menor grau da teoria reichiana. Como o nome indica, são terapias psicológicas que têm como característica a intervenção primordial sobre o corpo".

Presentemente, a cultura corporal alternativa é amplamente divulgada através de cursos, oficinas, vivências, congressos, bem como é matéria dos meios de comunicação e objeto de bibliografia específica.

A análise de uma dessas obras (Ribeiro e Magalhães, 1997 (2)) me permitiu explorar com minúcias algumas hipóteses sugeridas pelo estudo da Planeta, que cobriu parte dos anos 70, bem como identificar algumas características comuns às práticas corporais alternativas nos anos 90.

1. Sincretismo. Este é um traço que marca a cultura alternativa em geral e se caracteriza por combinações móveis, errantes, que não se estabilizam em um quadro fixo de práticas e saberes. No caso das práticas corporais, observou-se a combinação de conhecimentos científicos das áreas da saúde física e mental com

conhecimentos provenientes de tradições antigas, orientais e ocidentais. Muitos dos criadores dessa cultura corporal foram médicos, psiquiatras, psicólogos, treinadores esportivos e educadores físicos. Através do contato com conhecimentos distantes do universo científico, inventaram (3) seus modelos de práticas corporais, procurando estabelecer paralelos e analogias entre conhecimentos de culturas e tempos distantes. Um exemplo eloqüente se encontra no *Core Energetics*: "A concepção da técnica psicoterapêutica que descreveremos a seguir iniciou-se, provavelmente, há milhares de anos quando o homem passou a estudar os fenômenos relacionados aos campos de energia dos corpos. (...) Os seus nomes mais comuns são *Chi* (China) *Prana* (Índia), *Ka* (Egito), Flúido Vital (Paracelso), Flúido Universal (Mesmer), Libido (Freud), Orgone (Reich), Energia Psicotrônica (Krippner), etc." (GAC, p. 157).

Em outros casos, o sincretismo visa à complementaridade de fontes de conhecimentos diferentes, como os exemplos que se seguem. "As raízes da Biomassagem encontram-se nas teses de W. Reich, Alexander Lowen, Guerda Boysen e no corpo teórico da medicina tradicional chinesa." (GAC, p. 37). "O método da REPM (Rearmonização Energética Postural e Manual) foi elaborado durante vinte anos de prática em terapia manual por Jean Luc Rondelet, osteopata e cinesiólogo. Tal método provem da prática de diferentes abordagens terapêuticas: fisioterapia, medicina chinesa, cinesiologia, posturologia, osteopatia e ginástica japonesa, e pode ser complementado pela fitoterapia e pela homeopatia". (GAC, p. 180).

2. Nostalgia do antigo. A valorização do antigo ou do arcaico se mostra, em grande parte das terapias corporais, como forma de legitimar, pela tradição, invenções recentes, remetendo a períodos do tempo distantes do moderno. Nesse procedimento existiria uma crítica ao novo e à eterna obsolescência dos conhecimentos promovida pelo progresso. Ainda sobre a *Core Energetics* afirma-se "(..) quando falamos de energia devemos entender que não estamos falando de uma novidade. A humanidade já a conhece há muito tempo, tendo apenas variado o nome sob o qual é descrita (...)" (GAC, p. 57).



Além disso, práticas antigas podem, também, ser atualizadas pela pesquisa científica. Nesse caso, a antigüidade ganha a certeza da ciência, como os exemplos mostram. "Esse exame (da íris) ao contrário do que possa parecer, é muito antigo; o próprio pai da medicina, Hipócrates, já descrevia que se quiséssemos verificar se uma pessoa estava com boa saúde, bastava olhar junto à "menina dos olhos"(...) Entretanto, somente há trezentos anos é que a iridologia tomou forma, isto é, foi metodicamente estruturada, organizada e as pesquisas neste campo de fato se iniciaram (...) (GAC, p. 115). "A manipulação dos segmentos vertebrais não nasceu com a quiropraxia. Na verdade, essa prática vem sendo feita há 3 mil anos, pelos chineses e atravessou os séculos, sendo exercida pelos gregos, romanos, bizantinos, bretões, árabes, espanhóis, turcos, italianos, franceses e alemães. No entanto, a quiropraxia é o único exemplo em que a manipulação de vértebras é feita de maneira específica e científica, como resultado das pesquisas do Dr. David D. Palmer". (GAC, p, 177).

3. Orientalização. O conjunto das práticas corporais alternativas apresenta propostas que combinam elementos das tradições orientais com conhecimentos próprios do ocidente, científicos ou não. Essa combinação, todavia, varia em proporção, de modo que em alguns casos, como se viu anteriormente, os conhecimentos orientais são combinados com outros, visando a uma síntese de muitas e diversas fontes. Em outros casos, porém, a prática corporal oriental é central e se busca suporte nos conhecimentos científicos para a sua adaptação à nossa realidade cultural. Um exemplo é o Vidya-Yoga: sistema de auto-integração do ser, criado por Maria Alice Figueiredo que "iniciou o trabalho de auto-integração na Yoga-Vidya em 1983, empregando as técnicas mesieristas, técnicas de respiração iogue (*pranayama*), *hatha yoga*, terapia filosófica, baseada no *jnana yoga* e meditação baseada no *raja yoga*. (...) Mas fazia-se necessário acrescentar uma terapia no nível psicológico, que desse apoio aos alunos e aprofundasse os seus *insights*. E foi assim que o desenvolvimento desse sistema contou com a valiosa colaboração da psicóloga Marta Molinero (...) em sua busca de um sistema que fornecesse a nós, ocidentais, (...) um método holístico de integração da

consciência que, embora fiel à yoga, fosse mais adaptado às nossas necessidades". (GAC, p. 248).

Existem, todavia, práticas corporais orientais que procuram se manter genuínas no ocidente, como é o caso do Tai-chi-chuan. Afirma-se: "O Tai-chi-chuan é a prática do equilíbrio. O praticante não se divide entre o que existe e o que não existe; não se divide entre algo invisível e algo visível; não há dualidade. E este estado se chama Tai-chi-chuan (*Tai* = supremo; *chi* = polar; *chuan* = punho). O estado supremo acima das polaridades." (GAC, p. 210-1).

4. Holismo. Está presente nas práticas corporais alternativas uma visão global e unitária que procura reintegrar corpo e mente, físico e psicológico, material e espiritual e homem e natureza, de modo a superar as categorias cartesianas de entendimento e explicação da realidade. Pode-se afirmar que esta perspectiva faz parte da totalidade dos métodos empregados pelas práticas corporais analisadas. Por exemplo: "O *Dolphinbreath* é um caminho do coração para a essência, a totalidade ilimitada do ser humano. Tem a ver com ouvir a si próprio, os outros e o meio ambiente. Quando isso ocorre, tudo é revelado para nós". (GAC, p. 82). E ainda: "A participação da eutonia em diferentes áreas permite concluir que a sua visão abrangente propõe uma integração físico-psíquica, compreendendo o tonus tanto em sua forma física como parte material da emoção". (GAC, p. 100). "Não é possível tentar descrever ou definir o trabalho de *healing* sem levar em consideração um todo, que se refere a um conjunto de estruturas paralelas, físicas e não físicas que se combinam na formação e desenvolvimento do ser humano. Essas estruturas fazem parte do estado geral de saúde do indivíduo, relacionadas ao balanceamento harmonioso de suas energias, provenientes de várias dimensões simultâneas. São elas: o corpo espiritual, o corpo da mente, o corpo astral, o corpo etérico e o corpo físico". (GAC, p. 159).

5. Autonomia. Se a procura de reintegração em um todo faz parte dos procedimentos das práticas analisadas, o auto-conhecimento se mostra como a meta primordial a ser atingida. Através da valorização de capacidades autorreguladoras e regeneradoras, inerentes ao ser humano, espera-se garantir aos indivíduos autonomia na gestão do seu corpo e da sua mente. Ou seja, o próprio

indivíduo é fonte de conhecimentos, conforme os exemplos que seguem: "A Biossíntese, além de ser uma escola de psicoterapia corporal, é uma forma de auto-desenvolvimento e auto-regulação baseada no processo formativo que pode ser usada com a população em geral". (GAC, p. 40). "A resposta (à doença) está no trabalho de consciência corporal. Tornar-se consciente é aprender a se ouvir, escutar o próprio corpo, necessidades, desejos e vontades. Abrir um canal de comunicação entre razão, emoção e físico (...). A Oficina Corporal é isso: reconhecimento, reelaboração, reestruturação e transformação". (GAC, p. 137).

A autonomia dos indivíduos não se restringe à sua capacidade de auto-conhecimento, mas se estende também ao aprendizado dessas práticas. Já na Introdução do livro se encontra a seguinte passagem: "Nossa intenção é que na medida do possível, ele (o livro) seja manipulado tanto por leigos - não iniciados na linguagem técnica - quanto por estudantes e profissionais, movido cada qual por suas necessidades particulares motivadoras de suas buscas". (GAC, p. 9). Coerentemente com os objetivos do livro, as práticas analisadas estimulam o autodidatismo. Por exemplo: "Os que buscam a yoga, como prática corporal por meio de exercícios yóguicos, podem freqüentar institutos de yoga, ou seja, praticar sob orientação de um professor (...). O praticante pode também realizar sozinho os exercícios, desde que tenha algum conhecimento anterior obtido com algum professor, literatura apropriada, ou vídeos de yoga." (GAC, p. 255).

6. Reencantamento. Um dos traços comuns às práticas corporais analisadas é a sua inserção num universo sagrado mais abrangente, o que se expressa através do resgate de mitos e ritos antigos, símbolos religiosos e divindades. A mais "clássica" das práticas alternativas, a ioga, assim se apresenta: "A palavra *yoga* vem da raiz *yug* que significa atar, reunir e concentrar a atenção sobre algo. Significa também "união" e "comunhão". É a verdadeira união da nossa vontade com a vontade de Deus". (GAC, p. 254). O recurso às forças incalculáveis do universo, próprio de uma visão encantada da realidade, se expressa claramente na definição de *Reiki*: "O Sistema Usui de cura pelo *Reiki* é um processo holístico de harmonização energética que usa as mãos como veículo dessa energia de cura natural. A maioria dos praticantes desta arte de cura,

espalhados pelo mundo, explica que qualquer tentativa de explicar a energia *Reiki* não passa de uma descrição mínima de sua extraordinária força. Hawayo Takata, que trouxe do Japão para o Ocidente o ensino e o uso desse sistema costumava afirmar que "esta força (*Reiki*) não pode ser integralmente compreendida, medida e, sendo uma força universal de vida, é incompreensível para o homem. Apesar disto, todos os seres vivos recebem a sua bênção diariamente, estejam acordados ou dormindo". (GAC, p. 203).

Além desses aspectos, a recuperação do sagrado se apresenta, também, em alguns casos, como fundamento de um novo paradigma voltado para solucionar os custos gerados pelo progresso científico. A Clínica Psicológica: uma abordagem integrativa assim se justifica: "Essa busca (de conhecimento) tem levado o homem por caminhos diversos, nos quais se insere, mais recentemente, a psicologia como alternativa "científica". No entanto, como ciência, a psicologia passa, na atualidade, por profunda crise demandando a revisão de seus paradigmas, tal qual a ciência como um todo. Souzenelle observa: "...impondo a ciência para nós como único quadro de referência exato e seguro, eliminamos a linguagem do mito do coração de nossa vida". (GAC, p. 44).

### **O Oriente como metáfora.**

O quadro que acabei de apresentar certamente não esgota todos os atributos das práticas corporais alternativas e nem é o único recorte possível para entendê-las. Alguns outros aspectos poderiam ser acrescentados: a volta à natureza, com a procura de um estilo de vida rústico, e a valorização de laços sociais comunitários, que impregna esse movimento de uma nostalgia da comunidade distante dos padrões do contrato social moderno. Aliás, ambos presentes já nas propostas da contracultura.

As categorias que utilizei, todavia, expressam regularidades que, embora próprias da cultura corporal alternativa, dão conta também das características fundamentais da cultura alternativa mais ampla.

O aspecto sincrético dessas práticas ganha o seu sentido frente à meta holística de construir uma visão unitária e global da realidade. Deste modo, em oposição à maneira científica de pensar que destaca as diferenças, segmenta, classifica e hierarquiza os conhecimentos, observa-se a identificação de semelhanças, identidades e complementariedades de modo que tudo se combine e nada "fique de fora". Frente ao pensamento que exclui e segrega (como a ciência e a teologia), o holismo inclui e acolhe indefinidamente, "criando uma espécie de amálgama a partir do qual as práticas revelam-se passíveis de um uso concomitante, tornam-se intercambiáveis, ou combinam-se de maneira diversa". (Russo, 1993, p. 113).

Este sincretismo intenso se apresenta, na sociedade mais ampla, como uma invasão (4) de práticas e saberes ameaçadores à racionalidade científica. Nesse processo, então, observa-se uma tensão entre os conhecimentos científicos e os não científicos. Por se valer de elementos das culturas religiosas antigas e orientais, indiscriminadamente, juntamente com a ciência, a cultura corporal alternativa é acusada de "misticismo", no seu pior sentido, por parte dos sacerdotes do saber oficial. Médicos e psicólogos alertam para a inexistência de controle e verificação empírica dos seus resultados, bem como para a exigência do saber especializado para a sua prática. Trata-se, portanto, de uma tentativa de apropriação de saberes e práticas da cultura mais ampla através da desautorização dos seus agentes.

Quanto às capacidades "auto" do indivíduo --- auto-conhecimento, auto-regulação, auto-cura, etc. ---, abrem elas o caminho para que o aprendizado destas práticas envolva a sua própria experiência pessoal. Aliás, a trajetória dos criadores das práticas corporais alternativas mostra experimentações em campos de conhecimentos diversos, na procura de solução para problemas físicos e psicológicos, próprios ou alheios. Através de tais experimentações teriam alcançado resultados que se apresentam através de fórmulas sincréticas e holísticas.

Assim, o aprendizado não se enquadra na lógica científica tradicional, racionalista e intelectualista, que exige separação entre ciência e existência. Pelo

contrário, como mostrou Russo (1993, p. 135-6) "o ideário das TC (terapias corporais) inclui a valorização da prática, do movimento e da ação em detrimento da teoria. Do corpo em detrimento da palavra. Por isso a vivência será sempre extremamente valorizada, considerada mesmo fundamental para quem queira tomar contato com qualquer TC". O que, do ponto de vista do processo civilizador, enfraquece o controle da mente sobre o corpo, da razão sobre a emoção, do consciente sobre o inconsciente, estimulando experiências espontâneas, plurais e místicas que, se espera, derrubem a visão dualista do homem. De um outro ponto de vista, pode-se aproximar este processo de aprendizado do trabalho do artesão, que, mesmo sob orientação de um mestre, deixa a sua marca pessoal no objeto que cria.

Já os aspectos religiosos e arcaicos da cultura corporal alternativa ganham o seu sentido ao lado da categoria orientalização, entendida esta como metáfora do ocidente para indicar arranjos sociais, traços culturais e períodos históricos pré-modernos.

Relembro que o fenômeno da orientalização tem a sua expressão mais evidente no campo religioso. Todavia, esse processo é acompanhado de uma revitalização das culturas indígenas, popular, medieval e pré-cristãs. Campbell (1997, p. 13) afirma que "um processo de orientalização não tem que depender simplesmente de uma importação de idéias exóticas, mas pode ser entendido como facilitado pela presença de uma tradição cultural nativa ao ocidente (...) Aqui, a teodicéia que dominou o ocidente, por mais de dois mil anos é rejeitada não a partir de uma "virada para o oriente" ou mesmo por um apelo a alguma tendência inerentemente oriental que essa tradição pudesse conter em si, mas sim, ao contrário, por uma "volta" mais radical às tradições religiosas que o ocidente derrotou".

Isto explicaria os outros traços da cultura alternativa que, como já se viu, valorizam comportamentos ligados à vida comunitária, à rusticidade, à aliança com a natureza, ao contato direto com o sagrado, ao artesanato que, por sua vez, são indicadores empíricos de arranjos sociais pré-modernos. Isso, talvez, tenha levado Heelas (1996, p. 23) a afirmar, a respeito da religiosidade pré-moderna da Nova

Era que "(...) seria possível realizar estudos (...) a respeito das muitas maneiras diferentes como diversos domínios do passado vêm sendo explorados, em particular a espiritualidade oriental" (grifou meu).

O oriente como metáfora do pré-moderno fica mais evidente na classificação que segue elaborada por Krus e Blackman (1980, apud Campbell, 1997, p. 9), psicólogos preocupados em "medir" a orientalização do pensamento do ocidente:

### **Oriente**

Síntese  
 Totalidade  
 Integração  
 Dedução  
 Subjetivo  
 Dogmático  
 Intuição  
 Anti-ciência  
 Pessoal  
 Moral  
 Não – discursivo  
 Associativo  
 Êxtase  
 Imaginativo  
 Irracional

### **Ocidente**

Análise  
 Generalização  
 Diferenciação  
 Indução  
 Objetivo  
 Intelectual  
 Razão  
 Ciência  
 Impessoal  
 Legal  
 Assertivo  
 Poder  
 Ordem  
 Crítico  
 Racional

Além do fato da ciência ser um dos atributos do "ocidente", é fácil identificar nos outros atributos, os procedimentos da prática científica. Ora, esta, por sua vez, é o paradigma da modernidade. Portanto, se por ventura trocarmos os termos oriente e ocidente por pré-moderno (ou pré-científico) e moderno, ambas as listas mantêm sua coerência interna e oferecem um novo sentido ao fenômeno da orientalização. O dualismo oriente-ocidente, ao procurar explicar a religiosidade contemporânea, expressa uma construção do processo civilizatório moderno, que associa as características do pensamento ocidental às do pensamento moderno e as do pensamento oriental às do pré-moderno. Além disso, o crescimento de uma visão encantada do mundo, ao lado da

orientalização, reforça o argumento de que se trata de um resgate ansioso de traços e estilos de vida pré-modernos.

Enfim, herdeira da contracultura, a cultura corporal procura alternativas em práticas, saberes e técnicas que, pelo seu sincretismo, holismo e autonomia, expressem a antítese da imposição absoluta da ciência, do dualismo corpo-mente e da dependência de especialistas. Portanto, pré-modernas, orientais ou alternativas, as novas gestões do corpo são, neste novo contexto, contra-modernas.

### **Notas**

- (1) Uma distinção importante entre racionalidade epistêmica e racionalidade social é apresentada por Nowotny (1979) : a primeira refere-se à atribuição de um status epistemológico superior ao conhecimento científico, o que lhe permite julgar os outros conhecimentos como irracionais, emocionais e infundados; a segunda descreve as visões de mundo, crenças e ideologias dos grupos, considerando a sua situação social e econômica específica e o contexto histórico concreto. Pressupõe que os homens têm razões sociais válidas para sustentar suas idéias e crenças, para confirmá-las coletivamente e considerá-las conhecimento.
- (2) Daqui para frente, citado como GAC, seguido da página.
- (3) Termo utilizado por Russo (1993), que, expressa bem a criação dessas práticas.
- (4) Essa face da cultura alternativa me foi sugerida pelo prof. Lísias Nogueira Negrão, em conversa particular.



## **Bibliografia**

- ALBUQUERQUE, L.M.B. de. Revista Planeta: imagens do corpo, imagens da alma. Trabalho apresentado nas VIII Jornadas sobre alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22 a 25/09/98.
- CAMPBELL, C. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. Religião e Sociedade, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.
- CLARKE, J. J. Oriental Enlightenment. London: Routledge, 1997.
- ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- . O processo civilizador: formação do Estado. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- HEELAS, P. A nova era no encontro cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno. Religião e Sociedade, 17/1-2, p. 15-23, 1996.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: ------. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974, vol. 2.
- NOWOTNY, H. Science and its critics: reflections on anti-science. In: NOWOTNY, H., ROSE, H. (eds.). Countermovements in the sciences. Dordrecht (Holland): D. Reidel, 1979, p. 1-26.
- PORTER, R. História do corpo. In: BURKE, P. (org.). A escrita da história. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- RAVETZ, J. Scientific knowledge and its social problems. New York: Oxford University Press, 1979.
- RIBEIRO, A. R. , MAGALHÃES, R. (orgs.). Guia de abordagens corporais. São Paulo: Summus, 1997.
- ROSZAK, T. A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.
- RUSSO, J. O corpo contra a palavra. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1993.